



CMG (RM1-FN) Edson de Oliveira  
cffnedson2000@yahoo.com.br

## O Terço da Armada



CMG (RM1-FN) **Edson** serve atualmente no Comando do Desenvolvimento Doutrinário do Corpo de Fuzileiros Navais, como Chefe do Departamento de Divulgação. É oriundo da Escola Naval, realizou todos os cursos de carreira, sendo digno de destaque, o Curso de Estado Maior para Oficiais Superiores (CEMOS) da EGN, em 2001, e o Curso de Política, Estratégia e Administração do Exército (CPEAEx) da ECEME, em 2010, como correspondente ao CPEM. Serviu no 3ºBtlInfFuzNav – Batalhão Paissandu –, como Oficial de Estado-Maior e Comandante de Companhia, Comandou o 2ºBtlInfFuzNav – Batalhão Humaitá – e o Grupamento de Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro, comandou, também, o Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais no Haiti, 3º Contingente. Possui também, o MBA em Administração Pública Pela Fundação Getúlio Vargas.

Em excelente artigo do Almirante de Esquadra Fuzileiro Naval Alvaro Augusto Dias Monteiro sobre as origens do nosso Corpo de Fuzileiros Navais ele alude à criação, na Marinha de Portugal, nos idos de 1618, sob o reinado de Felipe III<sup>1</sup> (II de Portugal), do Terço da Armada Real da Coroa de Portugal. Essa tropa seria o “primeiro corpo de infantaria organizado em caráter permanente, aos moldes dos *Tercios* da Espanha. Após a Restauração portuguesa, em 1640, o Terço passou a denominar-se Terço da Armada real do Mar Oceano.” (MONTEIRO, 2008, p. 10).

Porém o termo “Terço” sempre gerou uma certa inquietude. Qual sua origem? Qual o significado? Teria algo a ver com uma terça parte de alguma coisa? Numa primeira pesquisa chegamos a informação de que se tratava de um termo correspondente a “Regimento” no Exército Espanhol. Mais recentemente vimos que não há uma correspondência tão direta assim.

Ao final da Idade Média, a Península Ibérica vivia constantes confrontos com as ocupações muçulmanas e para fazer frente a esses embates várias medidas foram tomadas para manter um estado de prontidão de tropas em condições de lutar para a expulsão dos ocupantes. O *Foro Militar General* – *FMG* informa que no Livro de Afonso X, o Sábio, encontram-se

instruções para os *Alcaydes*, *Misiones de los Caballeros* e outros, sobre a necessidade de se manter tropas prontas em todas as localidades, inclusive mencionando táticas, linhas de batalha e formações (FORO MILITAR GENERAL, 2006).

Figura 1: Reis Católicos de Espanha



Fonte: <<https://culturaespanhola.com.br/blog/os-reis-catolicos-da-espanha/>>

Já em 1338, nas Cortes de Burgos, surgem acordos “onde se organiza o serviço aos vassallos, recebendo em troca um ‘soldado’ em terras ou dinheiro. Esses vassallos eram os “peões” ou companheiros a pé dos cavaleiros. Assim surgiu o soldado, que lutava não por obrigação, mas por contrato.” (FORO MILITAR GENERAL, 2006).

Diversos regulamentos seriam editados tentando garantir uma mobilização militar eficiente, porém é com os Reis Católicos<sup>2</sup> que essas medidas ganham maior eficácia.

<sup>1</sup>Vigia o período da União Ibérica, união das coroas de Portugal e Espanha sob um único rei (1580 a 1640).

<sup>2</sup>Ao fim do século XV, após a Guerra de Sucessão Castelhana, entre 1475 e 1479, Fernando II de Aragón e Isabel I de Castilla assumem seus tronos, se casam e unificam os reinos e territórios que compõem o que conhecemos hoje como Espanha. (Disponível em: <<https://culturaespanhola.com.br/blog/os-reis-catolicos-da-espanha/>>. Acesso em: 07 ago. 2020).

Essa época marca o “Renascimento Militar” na Europa, significando um retorno da infantaria à posição de maior relevância no cenário militar. Durante a Idade Média, o cavaleiro fora a principal arma ofensiva.

Em 1493 os Reis Católicos, esperando previsíveis conflitos com a França, criaram a Guarda de Castela, 25 unidades com 100 lanceiros cada, sendo 20 homens com armaduras completas, com lanças e cavalos e 5 outras unidades restantes de “ginetes”, uma espécie de cavalaria incomum na Europa, com marcada influência árabe, com armas leves e cavalos velozes.

Essas medidas foram traduzidas em *Ordenanzas*, organizando e regulamentando um sem-número de dispositivos organizada e apoiada pelos conselhos municipais. A *Ordenanza* de 1496, orientava quanto a estrutura da tesouraria de guerra e o procedimento de gestão, elemento chave para manter, com meios tão limitados, territórios tão extensos. Este longo documento, abordava, dentre outros, o sistema sentinela, as obrigações dos *Castellanos* (senhores do castelo), o uso de espíões e muitos outros assuntos, delineavam o que seria o primeiro exército moderno da história.

O exército de Gonzalo Fernández de Córdoba – *El Gran Capitán*, enviado à Itália em 1501, foi uma boa representação dessas *Ordenanzas*. Tinha 549 lanças distribuídas em 6 capitánias. Os peões 3.243, divididos em 30 capitánias. Os soldados de infantaria foram armados de acordo com a *Ordenanza* de 1497:

Nessa época [...] os peões foram divididos em três partes: um *tercio* com lanças, como os alemães as trazem, a que chamavam de piques, e a outro tinha o antigo nome de escudos (os rodeleros) e o *tercio* de besteiros e espingarderos [...] e mesmo esses peões divididos em quadrilhas, cinquenta por cinquenta.

O pique<sup>3</sup> foi adotado como um substituto da lança, mas adicionando armadura ao piqueiro. Apesar de aparecer o termo *Tercio* nesse documento ainda não está claro se ele se deve a essa divisão em três partes, pois há outras hipóteses que, junto com essa, estão entre as mais aceitas como a alusão ao número de 3000 homens que a compunham. Todavia, parece que estamos mais próximos de identificar a origem da palavra *Tercio*, que mais tarde daria nome às unidades militares espanholas.

<sup>3</sup>O **Pique** (*Pica* em espanhol) é uma arma composta de uma haste comprida de madeira, guarnecida de um ferro chato e pontiagudo, com três a seis metros de comprimento. Do início da Alta Idade Média ao início da Idade Moderna, os piques eram usados tanto para ataque a peões inimigos quanto como para defesa contra ataques de cavalaria. Vem a ser o antecessor do Alabarda.

Figura 2: Bandeira com a cruz de Santo André ou de Borgonha, adotada como insígnia dos *Tercios*



Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Tercio\\_\(militar\)#/media/Ficheiro:Flag\\_of\\_Cross\\_of\\_Burgundy.svg/](https://pt.wikipedia.org/wiki/Tercio_(militar)#/media/Ficheiro:Flag_of_Cross_of_Burgundy.svg/)>

Um capítulo peculiar é a formação das *Coronelías*. As *Capitanías*, tropas comandadas por um *Capitán*, eram demasiado pequenas para participarem no combate independentes, decidiu-se agrupá-las numa unidade superior, a *Colunela*, derivada da palavra italiana *coluna*, cujo chefe recebeu o nome de *Colonnello*, quando a primeira evoluiu para *Coronelía*, o seu comandante evoluiu, em 1508, para Coronel. Gonzalo de Ayora, um perito conhecedor do sistema militar suíço, parece ter sido o criador dessa organização sendo, por isso, considerado o primeiro Coronel da história. A *Coronelía* era formada por 10 *Capitanías* divididas em piqueiros ordinários, arcabuzeiros e rodeleiros. Além disso, havia duas companhias de piqueiros “extraordinários”. Essas reformas, junto com as de Gonzalo Fernández de Córdoba, deram origem a tais organizações, valorizando cada vez mais a infantaria em relação à cavalaria.

Figura 3: *Los Tercios*



Fonte: <<https://iicv.net/wp-content/uploads/2020/02/tercios-flandes-768x635-1.jpg/>>

Ao final de todas essas evoluções, os chamados *Tercios Viejos* foram oficialmente criados por Carlos I<sup>4</sup> que entre 1534 e 1536 organizou seu exército em três *Tercios*: Reino da Sicília, Ducado de Milão e Reino de Nápoles. Segundo De La Rosa e Merayo “foram os primeiros exércitos formado por voluntários. Se distinguiram por [...] serem os primeiros a combinar lanças e armas de fogo.” (DE LA ROSA E MERAYO, 2017).

A saga que acabaria com este corpo seria a Batalha de Rocroi<sup>5</sup> que marcaria o declínio do Império Espanhol e de seu exército. Felipe V, rei francês que substituiu a Casa dos Habsburgos pelos Bourbons, decidiu eliminar este corpo de infantaria em 1704, estabelecendo um novo modelo de exército como os franceses, os regimentos. Este foi o fim dos temidos *Tercios* espanhóis.

<sup>4</sup>Carlos de Habsburgo (1500-1558) foi Rei de Espanha (Carlos I) e Imperador do Sacro Império Romano Germânico (Carlos V). As dificuldades econômicas e o cansaço, obrigam-no a retirar-se para o Mosteiro de Yuste (1556), abdicando do trono do Imperio para seu irmão Fernando; e da Coroa de Espanha, domínios de Itália e Países Baixos para seu filho Filipe II. Disponível em: <[http://www.tordesillas.net/pt\\_PT/descubre-tordesillas/historia/personajes-historicos/-/asset\\_publisher/eF65c2HI6pXY/content/carlos-i-de-espana/23202?\\_101\\_INSTANCE\\_eF65c2HI6pXY\\_redirect=%2Fpt%2Fdescubre-tordesillas%2Fhistoria%2Fpersonajes-historicos/](http://www.tordesillas.net/pt_PT/descubre-tordesillas/historia/personajes-historicos/-/asset_publisher/eF65c2HI6pXY/content/carlos-i-de-espana/23202?_101_INSTANCE_eF65c2HI6pXY_redirect=%2Fpt%2Fdescubre-tordesillas%2Fhistoria%2Fpersonajes-historicos/)>. Acessado em: 14 ago. 2020.

<sup>5</sup>A Batalha de Rocroi deu-se em 19 de maio de 1643 entre o exército francês sob as ordens do jovem Luís II de Bourbon e o exército espanhol, sob as ordens do português Francisco de Melo, capitão geral dos terços espanhóis do Flandres. O combate, que começou de madrugada, durou cerca de seis horas e terminou com a vitória da França.



## Referências

FORO MILITAR GENERAL. **Los tercios españoles. La batalla de Pavia.** 2006. Disponível em: <<https://www.militar.org.ua/militar/hm/historia-militar-espana-tercios-espanoles-batalla-de-pavia.html/>>. Acesso em: 14 ago. 2020.

DE LA ROSA, Jaime García Nuño; MERAYO, Sofía García. **Los Tercios.** Espanha, 2017. Disponível em: <<http://www.omniamutantur.es/wp-content/uploads/1500-Los-tercios.pdf/>>. Acesso em: 14 ago. 2020.